



**UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV, CONCEIÇÃO DO COITÉ**  
**LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E**  
**LITERATURA**

**LILIANE LIMA DA SILVA**

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ**  
**2023**

LILIANE LIMA DA SILVA

## PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura, da UNEB – Universidade do Estado da Bahia, como componente de avaliação da disciplina TCC I.

Orientadora: Janine Fontes

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2023

# PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

Liliane Lima da Silva

## RESUMO

O preconceito linguístico no ambiente escolar é um tema relevante e preocupante, pois afeta a autoestima e o desempenho dos alunos, além de perpetuar desigualdades sociais e culturais. Assim sendo, o presente trabalho trata-se de um artigo científico intitulado “Preconceito linguístico no ambiente escolar”, fruto de uma investigação em materiais já publicados, como artigos científicos e livros, sobre o tema em questão. O trabalho apresenta o objetivo de analisar como se caracteriza o preconceito linguístico no contexto social e escolar, refletindo sobre o que seja preciso ser feito para minimizar tal situação no ambiente escolar. Foi possível concluir que ainda o preconceito linguístico está enraizado na sociedade, no entanto, o combate ao preconceito linguístico na escola é, sem dúvida, uma questão central na formação da identidade cultural escolar.

**Palavras-chave:** Preconceito Linguístico. Variação. Escola. Identidade

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que foi edificado através da diversidade dos povos indígenas, europeus e africanos. Essa miscigenação cultural desenvolveu também a complexidade da variação linguística, uma vez que cada povo possuía suas próprias línguas para o ato de comunicação. Dessa forma, embora seja reconhecida a variação linguística enquanto elemento de formação cultural, ainda há equívocos no que tange a sua valorização, principalmente no contexto escolar.

Teles (2017) evidencia que, quando se fala em atribuição de prestígio de uma língua, há uma ideia de tentar a sua homogeneização. No entanto, não são levadas em consideração as variantes nela presentes. Dessa forma, é importante salientar que toda essa diferença linguística procede de fatores que podem variar da ordem social, política e econômica.

Afirma ainda que durante toda história da formação cultural e linguística do país, o português falado pelas classes mais beneficiadas sempre foi a variedade prestigiada em detrimento das outras. Assim, essa variação ainda é apontada como a norma-padrão ou língua-padrão, escolhida como representativa de um país, sendo instruída e aprendida na escola.

Bagno (2002) deixa claro que é um grave problema e que explica o fato de o Brasil estar num abismo linguístico entre os sujeitos que falam as variantes estigmatizadas.

Diante desse panorama, é interessante reafirmar que, quando uma variedade da língua é eleita modelo, no caso aquelas faladas pelas classes privilegiadas dos centros urbanos, ganha uma espécie de *status* social que passa a ser um instrumento de dominação sobre as demais variedades, sendo estimadas inferiores, erradas e estigmatizadas por meio de um olhar preconceituoso determinado pelo modo dos princípios atribuídos pela gramática da língua escrita elitizada e definida como padrão, originando, assim, o preconceito linguístico.

Observa-se que ao longo do tempo o próprio espaço escolar vinha construindo um abismo entre a valorização linguística dos alunos e o ensino correto da língua. Isso fez com que se perpetuasse a ideia de uma língua correta e outra errada, colocando em prática a premissa do preconceito linguístico. Na escola esse fenômeno ainda é uma realidade preocupante e tem impactos significativos no processo de aprendizagem e na autoestima dos estudantes. É comum que as variedades linguísticas não padronizadas sejam desvalorizadas e consideradas inferiores em relação à norma culta da língua. Dessa forma, temos como objetivo refletir sobre a variação linguística como forma de desmitificação do preconceito linguístico e refletir sobre o combate ao preconceito linguístico na escola enquanto uma questão de formação de identidade cultural escolar.

O preconceito linguístico muitas vezes se manifesta de forma sutil, por meio de atitudes discriminatórias, como risos, deboches, correções excessivas ou desencorajamento do uso das variedades linguísticas próprias dos estudantes. Essas ações podem criar um ambiente hostil e inibidor, gerando constrangimento e diminuindo a autoconfiança dos alunos.

Acredita-se ainda que seja relevante para toda comunidade, visto que permitirá identificar os mecanismos pelos quais o preconceito linguístico se manifesta no contexto escolar, como atitudes discriminatórias de professores e colegas, práticas pedagógicas inadequadas e ausência de valorização das variedades linguísticas presentes na sala de aula.

## **2 CARACTERIZAÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL**

O preconceito linguístico pode ser compreendido como uma forma de discriminação que acontece quando determinadas variedades linguísticas são desvalorizadas, estigmatizadas ou consideradas inferiores em relação a outras formas de falar. É importante ressaltar que todas as línguas apresentam igual valor cultural e linguístico, capazes de empregar a identidade cultural e social de seus falantes.

Pesquisadores como Marcos Magno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, desenvolveram diversas pesquisas sobre o tema no Brasil. Bortoni-Ricardo, renomada linguista brasileira conhecida por suas contribuições ao estudo do preconceito linguístico no contexto brasileiro, em suas pesquisas e abordagens sobre o tema, o preconceito linguístico é definido como a discriminação ou desvalorização de uma variedade linguística em relação a outras, muitas vezes associada a preconceitos sociais, culturais e educacionais (BORTONI-RICARDO, 2004). Isso ocorre quando uma variedade linguística é considerada inferior, inadequada ou incorreta em comparação com uma variedade linguística que é socialmente percebida como "padrão" ou "correta".

O preconceito linguístico, nesse sentido, é um fenômeno social complexo que pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a estigmatização de sotaques regionais, gírias, dialetos, e até mesmo a escolha de palavras e construções gramaticais. Esse preconceito muitas vezes leva à desvalorização da língua materna de certos grupos sociais, marginalizando aqueles que falam de maneira diferente (BORTONI-RICARDO, 2005).

Diante disso, é importante perceber que o preconceito linguístico não é apenas um problema linguístico, mas também um problema social e educacional. Muitos estudantes que falam variedades linguísticas estigmatizadas enfrentam discriminação na escola, o que pode afetar negativamente seu desempenho acadêmico e autoestima.

A pesquisa de Stela Maris Bortoni-Ricardo (2004, 2005) destaca em suas pesquisas e publicações a importância de reconhecer a diversidade linguística e combater o preconceito linguístico no Brasil e em outros lugares. Ela promove a ideia de que todas as variedades linguísticas são igualmente válidas e merecem respeito. Além disso, enfatiza a necessidade de promover a educação linguística e a

conscientização sobre o preconceito linguístico, a fim de criar ambientes mais inclusivos e igualitários.

Bagno (1999) afirma que o Brasil tem lutado contra todos os tipos de preconceito, no entanto tem deixado o linguístico de lado, pois o que se vê é esse preconceito sendo alimentado cada vez mais em diversos canais de comunicação, como programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado” e até mesmo dentro do próprio ambiente escolar.

Na mídia, o preconceito linguístico é evidenciado através de estereótipos linguísticos, em que certas variedades são retratadas de forma caricata ou associadas a comportamentos negativos. Isso reforça estereótipos sociais e contribui para a perpetuação do preconceito.

O preconceito linguístico, ainda de acordo com Bagno (1999), fica muito claro numa série de afirmações que já fazem parte de um estereótipo que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. É importante compreender que esse tipo de preconceito tem se manifestado de diversas maneiras na sociedade, sobretudo no que concerne a certas variedades linguísticas associadas a grupos marginalizados socialmente, como ocorre em bairros periféricos, no campo, comunidade afrodescendente e em com indivíduos de baixa escolaridade.

De acordo com Silva (2021), o preconceito linguístico é um fenômeno que transcende a simples avaliação de sotaques e dialetos. Ele atinge o cerne da identidade de cada indivíduo e, muitas vezes, perpetua desigualdades profundamente arraigadas na sociedade.

Para Bagno (2006)

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma Culta.” Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial(no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua –afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária,

intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico (BAGNO, 2006, p.9-10)

Bagno (2006, 2009) e Brotoni-Ricardo (2005, 2004) mostram que é essencial reconhecer que as variedades linguísticas, sejam elas sotaques regionais, gírias ou dialetos, são manifestações válidas da diversidade cultural e linguística. A escola, portanto, deve servir como um espaço que valoriza e respeita todas as formas de comunicação, desde que sejam eficazes na transmissão de mensagens e permitam a compreensão mútua. Quando os educadores promovem a aceitação da diversidade linguística, estão contribuindo para a construção de identidades saudáveis e autoestimas positivas entre os estudantes.

Bagno (2009) afirma que “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo” (2009, p. 68). Isso significa dizer que a variação linguística é universal e que numa única região pode haver um repertório enorme de variantes.

A língua não é estática, pronta e acabada, mas dinâmica, passível de mudanças que incidem ao longo do tempo. Nesse sentido, os responsáveis por esse dinamismo linguístico são os próprios falantes que, graças a sua cultura, têm o poder de transformar e contribuir para a formação de uma variação presente na língua, tornando-se própria de comunidade ou nação.

No que concerne à escola, concebe um espaço em que engloba as múltiplas culturas, comunidades, povos e etnias, isto é, um ambiente em que a há, de fato, uma interação cultural e linguística. Nesse sentido, precisa representar um lugar em que se deve valorizar a língua em suas mais variadas formas de uso, deixando de lado os tabus e o preconceito contra essa diversidade linguístico.

### **3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO FORMA DE DESMITIFICAÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

É coerente afirmar que as variações linguísticas se dão a partir do momento em que a finalidade da língua é o ato de se expressar. As diferentes maneiras de expressão, por meio da língua, necessitam ser respeitadas e ponderadas como variações, eliminando a percepção dos erros como concebidas muitas vezes.

Ao serem analisadas como erros, incide o preconceito linguístico que une, de forma equivocada, a língua ao “*status*” (BAGNO, 2009). Tendo em vista tais afirmações, destaca-se que as variantes do português brasileiro utilizadas em comunidades do Brasil, recebe, na maioria das vezes, a marca pejorativa de erradas, o que se torna um julgamento equivocado, visto que essas características e marcas linguísticas expandem o repertório nacional do patrimônio cultural linguístico.

Bagno (2007) quando discorre que nada na língua ocorre por acaso, mostra que ainda há uma tentativa de homogeneizar a língua portuguesa de acordo com a “norma-padrão”, ou seja, existe a ideia de que a língua precisa ser estática, homogênea, certa e bem falada. Entretanto, desconstrói essa ideia, mostrando que há, na língua portuguesa, uma infinidade de preceitos que tornam válidas as diversas expressões presentes no português brasileiro e que, para a Sociolinguística, é tão importante porque constrói o dinamismo, o trabalho coletivo e a interação entre os falantes.

Dessa forma, é importante salientar que, embora a língua seja um sistema, seu uso mostra-se como um preceito de base heterogênea, ou seja, se torna fluida (em seu uso). Ela é movente e está sempre num processo de edificação e transformação. Portanto, a língua é um componente do processo de constituição dos indivíduos enquanto seres capazes de se comunicar.

Bortoni-Ricardo (2005) mostra que, para analisar a língua portuguesa no Brasil, é preciso levar em consideração as variáveis extralinguísticas que se referem basicamente a questões **históricas** e **socioeconômicas**, ou seja, a formação da nação brasileira e os privilégios sociais e econômicos que os sujeitos têm diante dela. Destaca ainda que, não menos importante que esses dois fatores, há também a dualidade linguística modalidade **urbana** versus modalidade **rural**.

A modalidade urbana, segundo a autora, se aproxima mais do português falado em Portugal, uma vez que as características históricas ainda estão enraizadas, devido à comercialização de mercadorias e ao contato direto com esses povos nos portos litorâneos. Já a variante rural se distancia muito desse “português padrão”, pois, nessa modalidade, os sujeitos tinham um contato maior com os povos indígenas presentes nas terras brasileiras e com os negros que aqui foram obrigados a se instalarem.

De acordo com Bagno (2007), as variações linguísticas podem ser classificadas segundo alguns aspectos que vão de fatores históricos até aos relacionados a sexo e faixa etária. Cada variação tem sua peculiaridade inerente aos estudos linguísticos.

Segundo o autor, existe a variação **diatópica** que é dada a partir do espaço geográfico; **diastrática** que é a variação linguística, levando em consideração as diferentes classes sociais; **fatores extralinguísticos** que incluem a idade, sexo, classe social, origem geográfica do falante e a **variação temporal ou histórica** que se refere à mudança da língua de acordo com tempo.

Existem alguns fatores que contribuem para formação da variação do português brasileiro. Esses fatores podem ser classificados como linguísticos e extralinguísticos.

Os **fatores linguísticos** são constituídos pela variação de ordem:

- a) **Fonético-fonológica**: diz respeito à pronúncia de determinados vocábulos, a exemplo de PORTA, o R é pronunciado de várias formas a depender da região;
- b) **Morfológica**: refere-se à forma como as palavras são apresentadas, ou seja, as mesmas expressões através de lexemas diferentes como, por exemplo, DELICADO e SUTIL;
- c) **Sintática**: faz menção às diferentes organizações de um mesmo lexema na oração, contudo sem perder o sentido, por exemplo: *acabou a história com um final feliz/ a história foi findada com um final feliz*;
- d) **Semântica**: nessa uma mesma palavra pode assumir significados diferentes a depender da origem regional do falante, a palavra VEXAME, por exemplo, pode significar vergonha ou pressa, a depender da região em que está sendo empregada;
- e) **Lexicais**: referem-se às diversas palavras com um mesmo significado, por exemplo, cabeça, cachola, pacová; e,
- f) **Estilístico-pragmática**: refere-se às situações comunicacionais que podem ser mais ou menos formais ou ainda levar em consideração o grau de intimidade entre o falante e o interlocutor.

Souza et al. (2013) mostram que existem também os fatores extralinguísticos que também compõem a variação, de acordo com os autores, grupo social, idade, sexo e situação ou contexto social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social, o que Bagno (2007) coloca como fatores extralinguísticos, estão diretamente relacionados às variações e são essenciais para a discussão e análise das variações marcadas na língua.

Os fatores extralinguísticos podem se dá de acordo com a **origem geográfica** que, conforme Bagno (2007), a língua sofre variação de um lugar para o outro. Os

exemplos vivos dessas variações são as regiões brasileiras ou ainda dentro de um mesmo estado, mas localidades diferentes.

Assim, é importante ressaltar que quando nos deparamos com pessoas que residem em estados diferentes, por exemplo, a forma como as palavras são proferidas e significadas, muitas vezes, são diferentes das dos demais estados.

Aas diferenças presentes na nossa língua não são constituídas como erro, pois ela pode variar de acordo a cada cultura e o meio onde o falante está inserido. É valido destacar ainda que são implicações das marcas toleradas por outros idiomas como os de origem africana e indígena que ingressaram na constituição do português brasileiro.

Deste modo, a importância dessas marcas linguísticas presentes em cada região do país, ligadas ao desenvolvimento histórico de cada espaço, fez com que nascesse o regionalismo, ou seja, as expressões peculiares de determinada região. Essa variedade linguística pode revelar-se na construção sintática, todavia a grande maioria dos regionalismos ocorre no vocabulário.

Outro fator extralinguístico que merece um destaque na língua é o **sexo**. Segundo Bagno (2007), os homens e as mulheres fazem diferentes usos da língua, ou seja, muitas vezes há uma variação nítida entre tais públicos. De acordo com Antonino (2013), essa variável tem sido bastante discutida com o escopo de definir se a conduta linguística da mulher é mais ou menos conservador, se essas falantes tendem a variar em direção às formas de prestígio ou em direção ao modelo estigmatizado, perpetuando o preconceito linguístico.

O **grau de escolarização** também precisa ser levado em consideração para ilustração da variação linguística. O acesso maior ou menor a educação formal, a cultura letrada, a prática de leitura e o uso da escrita, de acordo com Bagno (2007) são fatores primordiais na variação.

A escolaridade também é um fator muito relevante na questão da variação linguística e, em nosso país, está diretamente relacionada à classe socioeconômica, porque os que têm acesso à escola pertencem, de modo geral, ao grupo socioeconômico mais privilegiado. Dessa maneira, as pessoas pertencentes aos estratos sociais mais altos tendem a usar mais as formas padrão do português do que aquelas dos grupos menos privilegiados e menos escolarizados. (COSTA, 1996 p. 53).

Dessa forma, é coerente afirmar que normalmente os mais desfavorecidos financeiramente não apresentam condições de frequentar por muito tempo a escola, uma vez que, na maioria das vezes, necessitam de todo o seu tempo para o trabalho, isso acaba gerando um preconceito linguístico.

No tocante à **idade**, Bagno (2007) mostra que os adolescentes não falam da mesma forma que os adultos, nem que esses adultos se expressam da mesma maneira com que os idosos. Essa variação marca o preceito de que os jovens tendem a serem menos conservadores que os sujeitos mais velhos. Essa variação linguística sofre modificação durante o desenvolvimento do sujeito que, por sua vez, tenderá a se expressar formalmente quando adulto.

Desse modo, as variantes linguísticas se dão a partir desses fatores, quer apareçam isoladamente, quer apareçam em conjunto, de forma que a língua absorve as suas influências e se apresente sempre outra, mergulhada nas diferenças.

A variação linguística, nesse sentido, desempenha um papel fundamental na desmitificação do preconceito linguístico. Ela demonstra que as línguas e os dialetos são sistemas ricos e dinâmicos, e que não existe uma única variedade linguística "correta" ou superior. Ao compreendermos e valorizarmos a variação linguística, podemos desafiar estereótipos e preconceitos linguísticos, promovendo uma visão mais inclusiva da linguagem e da comunicação.

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre em todas as línguas. Ela se manifesta de várias maneiras, incluindo diferenças de sotaque, vocabulário, gramática e pronúncia. Essas variações frequentemente refletem aspectos culturais, geográficos, sociais e históricos. Portanto, cada variedade linguística é uma expressão legítima da identidade de um grupo de falantes.

#### **4 COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL ESCOLAR.**

O preconceito linguístico na escola é um desafio que persiste em muitos sistemas educacionais e que merece uma reflexão aprofundada. Trata-se da discriminação baseada na forma como as pessoas falam ou utilizam a língua, onde determinadas variedades linguísticas são consideradas "superiores" àquelas que são percebidas como "inferiores" ou "incorretas" de acordo com a norma padrão. Essa

discriminação ocorre com frequência e pode ser prejudicial em vários aspectos (SILVA, 2021).

De acordo com Arruda e Siqueira (2020), o preconceito linguístico deriva de uma comparação equivocada acerca do que se apresenta nas diretrizes gramaticais e nos dicionários com as maneiras que as pessoas têm de falar, que dependendo da cultura, são bem diferentes. Esta língua trabalhada inspira-se na literatura aplicada, nas alternativas subjetivas dos próprios estudiosos da gramática, nos códigos da gramática latina.

O preconceito linguístico é uma realidade que persiste em muitos contextos educacionais, e sua superação se revela uma questão fundamental na promoção da igualdade e da inclusão. Trata-se da discriminação baseada na forma como as pessoas falam ou utilizam a língua, onde determinadas variedades linguísticas são erroneamente consideradas "superiores" àquelas que são percebidas como "inferiores" ou "incorretas" de acordo com a norma padrão. Esse tipo de discriminação não apenas afeta a autoestima dos estudantes, mas também tem um impacto negativo em sua formação de identidade cultural escolar (LAPERUTA-MARTINS, 2017).

É importante destacar que a língua é um reflexo da cultura e da identidade de um grupo de pessoas. Cada variedade linguística possui um valor intrínseco, pois é uma parte crucial da herança cultural de comunidades ao redor do mundo. No entanto, quando os alunos são submetidos a preconceitos linguísticos na escola, sua autoestima é abalada, e isso pode ter sérios impactos em seu desempenho acadêmico e desenvolvimento pessoal.

Bagno (2007) mostra alguns costumes que são capazes de desencadear o preconceito linguístico, podendo ocorrer prejuízos na aprendizagem dos alunos. “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (BAGNO, 2007, p. 15). Diante dessa afirmação, percebe-se que este mito não reconhece a pluralidade cultural brasileira, reconhecendo a escola enquanto ferramenta para o desenvolvimento da linguagem. “As pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2007, p. 40).

De acordo com Silva (2022)

Não existe uma única forma de falar e de se expressar no Brasil, tendo em vista que a cultura predominante em cada região expressa à maneira de cada pessoa falar, mas quando a linguagem foge da escola, da gramática e do dicionário, há uma

associação de fala errada, mas o que ocorre são manifestações das variedades linguísticas (SILVA, 2022 p. 5).

É importante salientar que o português brasileiro não apresenta uma unidade surpreendente, como citado no muito de Bagno (2007), todavia, apresenta uma variedade muito ampla de dialetos, gírias e expressões, e não existe o certo e o errado ao se expressar, independentemente do nível de instrução do falante, mas sim a necessidade de adequar a fala à situação em que vai utilizá-la.

Assim sendo, observa-se que a fonte principal do preconceito linguístico no Brasil está ligada em grande parte dos casos a discriminação que as classes sociais mais baixas sofrem pela comparação que fazem entre a sua forma de falar e a forma considerada correta pelos códigos normativos da língua, muitas vezes ditados pela elite.

O preconceito linguístico na escola é um problema que afeta a autoestima, o desempenho acadêmico e o bem-estar dos alunos. Promover a igualdade e a inclusão linguística é essencial para construir uma sociedade mais justa e respeitosa com as diferenças culturais e linguísticas. A escola desempenha um papel fundamental nesse processo, e a conscientização e a ação são os primeiros passos para combater o preconceito linguístico de forma eficaz.

O combate ao preconceito linguístico na escola é um desafio importante para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades educacionais. O preconceito linguístico se manifesta quando determinados dialetos ou variações linguísticas são considerados inferiores ou inadequados em comparação com a norma padrão da língua. Essa discriminação linguística pode ter impactos negativos na autoestima e no desempenho acadêmico de estudantes que falam variedades não padrão da língua.

O papel da escola na luta contra o preconceito linguístico desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. O preconceito linguístico, que ocorre quando se discrimina ou desvaloriza a forma como as pessoas falam ou utilizam a língua, é um problema que pode ser desafiador, mas a escola desempenha um papel crucial em sua superação. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a escola pode contribuir para acabar com o preconceito linguístico:

De acordo com Silva (2022), esse combate começa a partir do momento em que o respeito à diversidade linguística é posto em prática no ambiente escola,

tornando-se, além disso, um respeito à diversidade histórica e cultural de cada povo, sendo que cada região tem seus costumes, hábitos e falares, o respeito pela diversidade da língua leva em consideração o respeito pela particularidade regional, reconhecendo que as línguas são heterogêneas.

A escola desempenha um papel fundamental na vida dos alunos, não apenas como um espaço de aprendizado acadêmico, mas também como um local onde são construídas as bases de sua identidade cultural. A identidade cultural é uma parte essencial da identidade pessoal, e a língua desempenha um papel significativo nesse processo. Portanto, o combate ao preconceito linguístico na escola é uma questão crucial, uma vez que influencia diretamente a formação da identidade cultural dos estudantes.

É importante ressaltar que o combate ao preconceito linguístico na escola corrobora não apenas para a construção do aluno, mas também solidificação da idade cultural escolar. Laperuta-Martins (2014) ressalta que a construção da idade cultural escolar é um processo crucial no desenvolvimento de um indivíduo e na sua trajetória educacional, sobretudo quando se baseia em ações que visem o combate ao preconceito linguístico.

Para Sobroza (2007) a construção da identidade cultural escolar é um processo complexo que se encontra baseado em diversas faças e desempenha um papel fundamental na formação dos alunos. É nessa fase que os indivíduos começam a se definir em termos de sua cultura, valores e identidade. No entanto, a construção da identidade cultural escolar pode ser profundamente influenciada pelo combate ao preconceito linguístico, um desafio que ainda persiste em muitos sistemas educacionais.

Nesse sentido, para combater o preconceito linguístico na escola, é essencial adotar uma abordagem que valorize a diversidade linguística e cultural. Isso envolve sensibilizar os alunos, professores e funcionários sobre os preconceitos linguísticos, seus impactos e origens. A educação é a chave para mudar atitudes e comportamentos. Além disso, é importante criar um ambiente que celebre e respeite a diversidade linguística presente na comunidade escolar (SOBROZA, 2007).

De acordo Vasconcelos (2016) e Costa (2017), uma identidade cultural escolar se baseia na valorização da diversidade. Quando os alunos se sentem respeitados em relação às suas línguas e formas de fala, isso contribui para uma identidade cultural mais forte e positiva. Eles se sentem mais à vontade para compartilhar suas

experiências culturais, histórias de família e tradições, o que enriquece o ambiente escolar e promove a compreensão entre os colegas.

Além disso, o combate ao preconceito linguístico na escola ajuda a moldar uma identidade cultural que é mais aberta à diversidade e ao diálogo intercultural. Isso é essencial em um mundo cada vez mais globalizado, onde a capacidade de compreender e respeitar outras culturas e línguas se torna uma habilidade valiosa.

Assim sendo, é importante reconhecer que o combate ao preconceito linguístico na escola não é um esforço isolado. Deve ser parte de um esforço mais amplo para promover a igualdade e a inclusão. Isso inclui políticas educacionais que proíbam a discriminação com base na linguagem e garantam que os direitos de todos os alunos sejam respeitados.

Portanto, a construção da identidade cultural escolar está intrinsecamente ligada ao combate ao preconceito linguístico. Valorizar a diversidade linguística e cultural contribui para uma identidade mais rica e inclusiva, onde os alunos se sentem à vontade para compartilhar suas experiências e aprender com a diversidade de vozes presentes na escola. A luta contra o preconceito linguístico é um passo fundamental na promoção de uma educação mais justa e respeitosa da diversidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi exposto, conclui-se que o preconceito linguístico no ambiente escolar é um problema que requer atenção e ação imediata. Ele não apenas afeta a autoestima e o desempenho dos alunos, mas também contribui para a perpetuação de desigualdades sociais e culturais. Assim sendo, a escola desempenha um papel central na formação da identidade cultural e na promoção da inclusão, tornando essencial que seja um espaço de respeito pela diversidade linguística.

Infere-se ainda que combater o preconceito linguístico requer um esforço coletivo que envolve educadores, famílias, autoridades educacionais e toda a sociedade. É essencial sensibilizar e educar para a importância de valorizar todas as formas de fala, reconhecendo que cada dialeto e variação linguística tem seu valor e contribuição para a riqueza cultural e social. Logo, a implementação de políticas inclusivas, a formação de professores e a criação de um ambiente escolar acolhedor são passos fundamentais nessa jornada.

O combate ao preconceito linguístico no ambiente escolar não é apenas uma questão de justiça, mas também uma oportunidade de enriquecer a experiência educacional, promover o respeito à diversidade e preparar os alunos para um mundo cada vez mais multicultural. Portanto, é um desafio que deve ser abraçado com determinação e compreensão, visando a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário.

Considera-se ainda que o combate ao preconceito linguístico na escola é, sem dúvida, uma questão central na formação da identidade cultural escolar. A escola desempenha um papel crucial na vida dos estudantes, moldando não apenas seu conhecimento acadêmico, mas também sua percepção de si mesmos, de suas culturas e do mundo que os cerca, pois ao promover um ambiente de aprendizado que valoriza a diversidade linguística e combate o preconceito, a escola contribui para a formação de uma identidade cultural escolar mais inclusiva, rica e respeitosa.

Por fim, infere-se ainda que a valorização da diversidade linguística não apenas enriquece a experiência educacional dos alunos, mas também os prepara para uma convivência harmoniosa em uma sociedade multicultural e globalizada. É de suma importância que os professores levem para sala de aula o tema preconceito linguístico, de forma dinâmica, com debates e roda de conversa mostrando como cada forma de se expressar é única. O combate ao preconceito linguístico é uma oportunidade de promover a justiça social, o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade mais equitativa.

## REFERÊNCIAS

- ANTONINO, Vivian. **Uma análise dos fatores extralinguísticos na fala de comunidades afro-brasileiras isoladas**. Universidade Federal da Bahia, 2009. P. 331 – 337. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Vivian%20Antonino.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Vivian%20Antonino.pdf)
- ARRUDA, Juliana Silva; SIQUEIRA, Liliane Maria Ramalho de Castro. Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo*, v. 3, n. 1, p. e314292-e314292, 2021.
- BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. Edições Loyola, 2002.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. Parábola, 2007

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!: em defesa do português brasileiro.** Parábola Books, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** Edições Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna.** Parábola Ed., 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação.** Parábola, 2005.

COSTA, Bruno Marcelo de Souza. A escola como espaço de memórias e formação de identidade (s). **Movendo Ideias**, v. 18, n. 2, p. 22-26, 2017.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, n. 12, p. 51-60, 1996.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. Preconceito linguístico e sua conscientização: o papel da escola. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 16, n. 31, 2014.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. Preconceito linguístico. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 305-326, 2017.

SILVA, Maria Luciléia Gonçalves. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. e324614-e324614, 2021.

SOBROZA, Lidiane Schlotefeldt. Escola x língua padrão, ideologia e preconceito linguístico. **Linguagens & Cidadania**, 2007.

TELES, Jaçanan de Souza. **Ensino de língua portuguesa e variação linguística: uma proposta de intervenção com o gênero cordel.** 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.

VASCONCELOS, Maria Eliane. **Identidade cultural ribeirinha e práticas pedagógicas.** Paco Editorial, 2016.